

15227 - De ciclos e caras: vida e cultura no Semiárido

From cycles and faces: life and culture on semiarid

NUNES, Geovana Correia

Cientista Social, Universidade Federal do Ceará, antropoietica@gmail.com

Resumo: Este estudo se desenvolve no assentamento Barra do Leme em Pentecoste, no sertão cearense, em torno de questões singulares às atividades culturais, produtivas e educativas que diferencia e/ou aproxima este de outros assentamentos e comunidades em sua relação com a terra. Uma etnografia da arte e desafios em se conviver com o Semiárido brasileiro, pela história e a atualidade da seca, situado a partir do cotidiano de dois coletivos locais: O Caricultura e o Ciclovida. Um é grupo de teatro que surge pelo resgate de brincadeiras geradoras das primeiras apresentações que trabalham, até hoje, a educação ambiental a partir de uma linguagem produzida em conjunto e sem hierarquias de gênero, idade, origem, formação. Outro é campanha e atividade permanente pela resgate e a manutenção de sementes crioulas que começa por uma longa viagem de bicicletas pela América Latina, documentada em audiovisual. Em 2012, inicia-se um período indeterminado de seca marcado pela solidariedade, mutirões, auto-gestão, como também, conflitos e criatividade ao negar certos valores e paradigmas para fortalecer outros, atravessando barreiras.

Palavras-Chave: Educação do Campo, Arte e Cultura na Reforma Agrária, Banco de Sementes no Semiárido.

Abstract: This study develops the rural settlement "Barra do Leme" at Pentecoste, in the interior of Ceará, around singular questions to the cultural, productive and educational activities, which differentiates and/or approach this and other communities. An ethnography about art and challenges of live with Brazilian semiarid region, the history and current drought, situated from daily two local groups: Caricultura and Ciclovida. The first is a theater group which arises with rescuing of play that generated the first performances that work, until today, environmental educations from the language produced together and without hierarchies of gender, age, origin, education. Another is permanent campaign and activity for rescue and maintenance of Creole seeds that begins with a long bike trip through Latin America, documented in audiovisual. In 2012, starts an indefinite period of drought, marked by solidarity, collective work, self-management, as well as, conflict and creativity when denying certain values and paradigms order to strengthen others, crossing barriers of monoculture

Keywords: Countryside education, Art and culture in agrarian reform, seed bank in Semiarid.

Introdução

Os problemas ambientais dessa época são diversos e perpassam constantemente o cotidiano. Não é possível separá-los como fez a ciência moderna a fim de testar e obter meramente resultados. De todo, a relação com os recursos ambientais pelas comunidades humanas é plural. Nem sempre ela é científica, nem sempre sabe observar ou dialogar, mas se modifica ao longo do tempo e do espaço.

Hoje, de tão intensa e imediatista, essa relação entre sociedade e natureza perde seus limites claros e coloca em xeque a cadeira de valores que mede, pesa, quantifica, coisifica a vida, desgastando seu delicado equilíbrio. É quando enchentes, queimadas, extinções, poluição dos oceanos, epidemias de cânceres evidenciam como tudo se relaciona.

Na relação com a terra, a agricultura e a pecuária se modificaram ao longo dos séculos. O Brasil, como colônia de exploração, teve a conquista do interior pelas veredas indígenas que levavam a terras marginais do litoral, bacias, baixios, vales, serras. Estas comunidades, mesmo vencidas, são procuradas para negociar produtos do Sertão: raiz do léxico português que significa terra distante.

No Ceará, a ocupação foi retardada e marcada pelo abandono de terras, a aspereza do clima, a resistência indígena. Com pouco, a população do interior se tornava mestiça ou aldeada. A primeira se encarregava dos currais, enquanto a outra, considerou-se que não contribuía para o progresso do Sertão com sua pequena lavoura, caça e pesca.

Ao senhor luso, cabe o papel administrativo que não se presta ao trabalho agrícola, deixando suas grandes extensões improdutivas. Conforme os rebanhos e os núcleos da população branca crescem, surgem mais notícias sobre as secas e suas consequências, como também os ataques de índios revoltos nestes períodos. “As secas não impressionam ao governo colonial pelos danos causados às populações, mas pelos prejuízos que trazem a coroa”. (SOBRINHO, 1953, pg. 34)

Para o contexto do Semiárido brasileiro, as secas não são novidade! A primeira registrada foi em 1583, na Bahia. Porém, entre 1723-1727, há uma grande seca que dizima aldeias e deixam no abandono escravos e agregados. De então, iniciaram os primeiros estudos etnográficos, geológicos e fitogeográficos da região que dão muitas hipóteses, umas até conflitivas, sobre as causas e soluções.

Desde lá, a açudagem, barragem, poços, cisternas são apontadas, enquanto um ou outro citam o reflorestamento e enriquecimento do solo, construção de estradas, centros educacionais e acompanhamento técnico. Como se falava também em loteamento de terras irrigadas e marginais, além da transposição do rio São Francisco. Foram soluções importadas que viabilizaram a concentração e não o acesso a água e a terra.

Na prática, a atuação dessas pesquisas foi nula, ao que o autor (SOBRINHO, 1953, pg. 163) chama de “deficiência cultural e financeira do Estado público brasileiro”. Deficiência que não é a falta, mas o mau uso. Exemplo dos açudes construídos com recursos públicos em terra particular (BURSZTYN, 2008), pagando misérias e amarrando os trabalhadores em dívidas. Sim, o bioma tem características próprias, mas a indústria da seca foi criada e dispõe de mão de obra e voto barato.

“Recursos têm e muito” como expressou um funcionário da prefeitura de Pentecoste sobre os carros-pipa para uma assentada da Barra do Leme, “mas preciso saber qual sua indicação”. Essa “indicação” apresenta a geração de direitos usurpados das populações indígena, negra, camponesa... No entanto, é preciso reconhecer a arte de fazer, sem lei, sem Estado, no amor e na luta pela terra.

Material e Métodos

Esta etnografia parte da convivência prolongada no assentamento Barra do Leme, em 2012, a partir dos mutirões de bioconstrução. Conheci os coletivos Caricultura e Ciclovida, desde 2009. Nesse período, laços de companheirismo se fortaleceram

pela luta comum onde tivemos percas, ganhos, permanências para o contexto dos grupos e do ambiente que sofre com a pressão econômica.

Pois, mesmo com o tempo, nem tudo rebrota. A jurema preta predomina onde, antes, habitavam muitas mais catanduva, marmeleiro, mufumbo, aroeira, umburana, pau-branco, jurema branca, cumaru, mandacaru, marizeira, oiticica, sabiá, cajazeira, pau d'arco, ingazeira.

Da leitura e paisagem a revisão de literatura, foi reunido um histórico sobre secas, reforma agrária, educação do campo, agricultura familiar, além de teses e artigos sobre estes dois grupos locais. A principal fonte, no entanto, é a arte, música, poesia, história, enfim, os percursos coletivos de resistência contra o agronegócio.

Sobre a organização e luta por terra, que proporcionou este assentamento, se inicia em Quixadá-Madalená, sertão central em 1996. Realocados para outro município, animados pelos espelhos d'água dos açudes e o bom inverno. A fazenda conhecida como Barra do Lemos, foi comprada pelo INCRA. Porém, antes de entregar aos futuros donos, seu antigo proprietário saqueou-a o máximo, mesmo depois de muito bem indenizado.

Sua intenção era entregá-la limpa de recursos florestais, cercas, benfeitorias, se não fossem a intervenção de algumas famílias e crianças recém assentadas. Quando interrogados sobre o evento, os trabalhadores justificaram: “Foi o patrão que mandou”. Daí, também, não tardaria para as verdadeiras condições ambientais se manifestarem com as secas de 1997-1998. O que temos, nesse sentido, é uma mata recente de 15 a 20 anos que ainda se recupera dos maus usos.

A fazenda, como tantas outras foi monocultora algodoeira, entrou em falência na década de 1980 para 1990 com o ataque massivo do bicudo. Depois, adaptada ao gado extensivo, este não é relacionado com a preservação do meio. No entanto, o que parece ser dado é, na brincadeira, questionado; com arte, exibido. Novas situações aparecem quando o futuro comum se apresenta.

Resultados

Depois de assentadas, as famílias tiveram de lutar por cada direito: transporte, educação, lazer, saúde... Enfim, com a terra própria, era possível fazer planos. Porém, até conquistar esse primeiro resultado, há a relação histórica de exclusão das comunidades nativas, negras, mestiças ao direito à terra. Para as crianças e jovens, essa foi a primeira lição.

Inicialmente com resgate de brincadeira como rodas e cirandas, o grupo Caricultura se estabelece ao questionar a mídia, a poluição, as queimadas e propor a reflexão para toda a comunidade por meio de apresentações teatrais, seminários, feiras culturais. A possibilidade de reunir gerações diferentes sem gerar hierarquias, líderes, guias, diretores, deu a todos o comum dever de sonhar, imaginar, inventar.

Suas peças são construídas de modo participativo, todos e todas contribuem, escrevem, dançam, tocam, criam. De fato, isto traz mais diversidade à produção que se contrapõem à ordem estabelecida. Por isso, cantam “Arte, luta e cultura para

cuspir na estrutura”. Assim como se diferenciam, se assemelham por optar pela rua, o terreiro, a escola e se relacionam na rede de teatro da periferia e do campo.

O Ciclovida se situa num contexto geográfico mais amplo a partir de uma primeira viagem de bicicleta saindo Ceará até a Argentina em busca de sementes e comunidades de resistência. Muitos foram os apoios e registram, com isso, um material-base para um documentário que circula até hoje em campanhas educativas, de solidariedade, festivais que apóiam a continuidade e sustentabilidade da ação.

De volta a sua terra, o desafio atual é manter uma agrofloresta em pleno Semiárido em que a maioria das pessoas é descrente e prefere reproduzir o mesmo sistema do padrão. Nesse sentido, o Ciclovida não é um grupo, mas uma atividade que ocorre em qualquer lugar onde esteja desperto para ação de proteger e cultivar sementes crioulas a partir da compreensão dos ciclos da vida e suas correlações.

Conclusões

Inicialmente, o assentamento teve a perspectiva de ser exemplo militante (PINHEIRO, 2004). O trabalho foi desenvolvido de modo coletivo, respeitando o trabalho de mulheres, tendo decisões em consenso, organizando grupos de trabalho. No entanto, as necessidades burocráticas vieram a tomar prioridade no tempo dos adultos. Para crianças, jovens e poetisas não há tempo a perder. A identificação é realizada no ato, na re-existência pela arte.

Aqui não há espaço para promessa, para política da boca pra fora. É a união a produzir novas realidades desejadas, como os mutirões da cisterna, cata-vento, filtro de água, círculos de bananeiras, constituindo-se como unidade demonstrativa. Pois, como expresso num encarte do grupo, “esperar nunca foi nosso forte. Toda vez que esperamos, fomos esquecidos”. (CARICULTURA, 2012).

Agradecimentos: PRONERA/CNPq.

Referências bibliográficas

- BURSZTYN, Marcel. *O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- CARICULTURA, Teatro Livre. *O que é mesmo Caricultura?* Pentecoste, Ponto de Cultura Cantos da Mata: 2012, folder.
- PINHEIRO, A.F.C. *Assentamentos Barra do Leme e 24 de abril: Resistência e Sustentabilidade*. Fortaleza: Tese de Mestrado em Geografia (UFC): 2004, 169p.
- SOBRINHO, Thomaz Pompeu. *História das Secas (Século XX)*. Fortaleza: Ed. Batista Fontenele, 1953.